

EXPOSIÇÃO

FOYER

AUDITÓRIO

EXHIBITION

AUDITORIUM

FOYER

# FOCO



## ECOS DA VIDA MODERNA

### SERRALVES

## EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *Foco - Ecos da Vida Moderna* é organizada pela Fundação de Serralves e comissariada pelo Diretor de Arquitetura, António Choupina, com coordenação de Diana Cruz.

The exhibition *Foco – Echoes of Modern Life* is organised by the Serralves Foundation and curated by the Director of Architecture, António Choupina, with coordination by Diana Cruz.



*Oculus*, Clube Residencial da Boavista, 2025

## FOCAR

O Parque Residencial da Boavista, mais conhecido por Foco, foi concebido entre 1962 e 1973—por Agostinho Ricca, João Seródio e José Carlos Magalhães Carneiro—não apenas como um complexo de apartamentos, mas como fragmento de uma nova cidade: uma paisagem onde habitação, comércio, lazer, cultura, religião e natureza pudessem coexistir. O grande lote é assim ocupado, lado a lado, por domicílios, escritórios, lojas, um hotel, um cinema, um clube, uma igreja, uma piscina e os seus jardins. No seu centro não se encontra um monumento, mas um vazio, um espaço coletivo em torno do qual a vida quotidiana se pode reunir.

O Foco surgiu no momento em que as certezas do primeiro movimento moderno estavam já a ser questionadas. As ideias formuladas nos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) transformaram o entendimento da cidade do século XX, substituindo a densa rua tradicional por um urbanismo estruturado pela luz, pelo ar, pela circulação, pela vegetação e por categorias funcionais. A radical *Unité d'Habitation* de Le Corbusier, em Marselha, tentou reconciliar a privacidade do lar individual com a escala e os equipamentos de uma pequena cidade. Há um eco inconfundível deste pensamento no Foco: um único organismo arquitetónico inserido na paisagem urbana. No entanto, a sua significância reside parcialmente na forma como começa a suavizar o diagrama abstrato do modernismo, onde os espaços abertos se elevam de algo residual a uma espécie de tecido conectivo verdejante, com percursos, umbrais e lugares de encontro. Em Ricca, a estratégia espacial do “vazio-ligante” pertence

à mudança de paradigma associada ao Team 10, cujas preocupações se voltaram para o *habitat*: para a identidade, as relações e os padrões particulares pelos quais o ser humano desfruta plenamente de cada lugar.

O Foco parece existir precisamente nesse ponto de transição, conservando a confiança otimista, a clareza formal, a abertura paisagista do alto modernismo, e introduzindo simultaneamente algo mais ambíguo e intimista—uma sequência de jardins, *promenades* cobertas, galerias comerciais e interiores comunitários, em que a arquitetura providencia um enquadramento para o encontro. Este projeto é relevante, portanto, porque capta o instante em que a doutrina moderna internacional e a própria cidade se encontram em mutação. Agostinho Ricca foi um dos fundadores da ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos) e pertence a uma geração pela qual a modernidade se enraizou na cultura arquitetónica do Porto. O Foco demonstra que Portugal não estava na periferia do mais amplo debate europeu e que, por sua vez, deu as suas próprias respostas à questão transversal do pós-guerra: como pode a arquitetura dar forma à vida coletiva sem se sobrepor à experiência individual?

Hoje, porém, alguns dos espaços onde se articulou mais claramente essa questão foram silenciados. O Hotel Tivoli, o Clube e o Cinema Estúdio Foco nunca foram acrescentos secundários ao projeto residencial, mas sim parte da sua arquitetura social, motivo pelo qual o significado do todo se vê alterado com o seu abandono. Onde antes haviam projeções, conversas, natação, chegadas e partidas, agora há portas fechadas, uma explosão de superfícies e mobiliário, divisões tomadas pela

natureza ou por uma sensação de colapso social distópico. O cinema está fechado desde 1997 e o próprio Ricca defendeu a sua preservação, bem como do complexo hoteleiro, da piscina e do clube. Quase trinta anos depois, estes interiores abandonados possuem outro tipo de presença, onde o tempo se tornou visível, os materiais deram de si, a luz incide de forma diferente, o silêncio ocupa espaços outrora formados pelas multidões. A degradação expõe a arquitetura como algo mortal e frágil, que necessita da nossa vigilância constante, pois representa os valores sobre os quais se constrói um futuro partilhado.

É aqui que a fotografia se torna uma forma de investigação arquitetural e de potencial preservação. Fotografar estes espaços não é estetizar a decadência, mas produzir provas que o desaparecimento ou o esquecimento não poderão tornar inacessíveis. A fotografia capta a textura do betão, a profundidade de um umbral, a geometria desvanecente de uma cobertura e—algo que os desenhos técnicos têm dificuldade em reter—a atmosfera de um lugar suspenso entre o uso e a obsolescência. Documentar torna-se um ato de cuidado, precisamente porque começa por chamar à atenção, e é aí que a obra de Claudia Rocha se revela mais valiosa, para além da sua evidente perspicácia e proeza técnica. Ela revela uma dificuldade mais ampla, segundo a qual o património talvez seja mais vulnerável precisamente no intervalo em que envelhece o suficiente para cair em desuso, mas não o suficiente para ser considerado um monumento. A idade é um valor cultural facilmente reconhecível, pelo que se torna menos fácil reconhecer edifícios que pertencem ainda à memória viva ou

que não se encontram suficientemente distantes para se tornarem arqueologia.

Preservar o Foco não significa cristalizá-lo no tempo. A arquitetura sobrevive graças ao seu uso, adaptação e ocupação, contudo é necessário reconhecer primeiro que uma sala aparentemente vazia pode ainda conter uma história coletiva. Desse modo, as fotografias dos espaços abandonados do Foco podem ser entendidas como retratos, não de ruínas mas de uma ideia arquitetónica temporariamente inabitada. Elas convidam-nos a olhar para além da decadência e a perceber o que permanece latente: um cinema que conserva as proporções de uma plateia; um hotel que recorda o viajante ausente; uma piscina que transpira o movimento da água... Porventura a responsabilidade mais profunda para com o nosso património recente seja tornar visível aquilo que desaparece tão lentamente que, de outra forma, seria impercetível. O Foco é então um fragmento de uma conversa inacabada sobre o que consideramos digno e como escolhemos viver em sociedade.



*Reflexos Reflections*, Hotel Tivoli, 2025



Cinema Estúdio Foco, 2025

## FOCUS

The Boavista Residencial Park, more commonly known as Foco, was conceived between 1962 and 1973—by Agostinho Ricca, João Serôdio and José Carlos Magalhães Carneiro—not merely as a collection of apartment buildings but as a fragment of a new city: a landscape in which dwelling, commerce, leisure, culture, religion and nature could coexist. Housing hence occupies the site alongside offices, shops, a hotel, a cinema, a club, a church, a swimming pool and its gardens. At its centre is not a monument but a void, a collective space around which everyday life might gather.

Foco emerged at a moment when the certainties of the first modern movement were already being questioned. The ideas formulated through CIAM (International Congresses of Modern Architecture) had transformed the twentieth-century understanding of the city, replacing the dense traditional street with an urbanism structured by light, air, circulation, greenery and functional categories. Le Corbusier's radical *Unité d'Habitation*, in Marseille, had attempted to reconcile the privacy of the individual home with the scale and facilities of a small city. There is an unmistakable echo of this thinking at Foco: a single architectural organism set within the urban landscape. Yet, its significance lies partially in the way it begins to soften modernism's abstract diagram, where open spaces rise above what remains to become a connective tissue of vegetation, passages, thresholds and meeting places. Ricca's spatial strategy of the "binding-void" belongs to the changing climate associated with Team 10, whose concern shifted towards *habitat*:

towards identity, relationships and the particular patterns through which human beings actually enjoy places.

Foco seems to exist precisely within this transition, retaining the confident optimism, formal clarity and open landscape of high modernism while introducing something more ambiguous and intimate—a sequence of gardens, covered promenades, commercial galleries and communal interiors, in which architecture becomes a framework for encounters. This project is therefore relevant because it records the moment when international modern doctrine and the city itself were changing. Agostinho Ricca had been among the founders of ODAM ("Modern Architects Organization") and belongs to a generation through which modernity became embedded in Porto's architectural culture. Foco demonstrates that Portugal was not peripheral to the larger European debate, but instead proposed its own answers for a transversal post-war question: how might architecture give form to collective life without overriding individual experience?

Today, however, some of the spaces through which that question was most clearly articulated have fallen silent. Foco's former hotel, cinema and club were never secondary additions to the residential project; they were part of its social architecture and their abandonment therefore alters the meaning of the whole. Where there was once projection, conversation, swimming, arriving and departing, there are now closed doors, an explosion of surfaces and furniture, rooms either overtaken by nature or a sense of dystopian societal collapse. The cinema has been closed since 1997, so Ricca himself argued for the preservation

of the hotel, swimming pool, club and cinema complex. Nearly thirty years later, these abandoned interiors possess another kind of presence, one where time became visible, materials gave way, light falls differently, silence occupies spaces once shaped for crowds. Abandonment exposes architecture as something mortal and fragile, in need of our constant vigilance, for it represents the values upon which a shared future is built.

This is where photography becomes a form of architectural research and potential preservation. To photograph these spaces is not simply to aestheticise decay, but to create evidence before disappearance or oblivion make that evidence inaccessible. The photograph can capture the grain of concrete, the depth of a threshold, the fading geometry of a ceiling, and—something that measured drawings struggle to retain—the atmosphere of a place suspended between use and erasure.

Documentation becomes an act of care precisely because it begins by bringing it attention and that's where Claudia Rocha's work is most valuable, beyond its obvious insight and technical prowess. She reveals a wider difficulty, that heritage is perhaps most vulnerable precisely in the interval when it has grown old enough to become obsolete, but not old enough to be considered a monument. Age is a readily recognisable cultural value, so one is less comfortable recognising buildings that remain within living memory or that are insufficiently distant to become archaeology.

Preserving Foco does not require freezing it in time. Architecture survives through use, adaptation and occupation, but one must recognize

first that an apparently empty room may still contain a collective history. These photographs of Foco's abandoned spaces can therefore be understood as portraits not simply of ruins, but of an architectural idea left temporarily uninhabited. They ask us to look beyond decay and to perceive that which remains latent within: a cinema still contains the proportions of an audience; a hotel still remembers the absent traveller; a swimming pool still exudes the movements of water... Perchance the deeper responsibility toward our most recent heritage is to make visible what disappears so slowly that we might otherwise fail to notice. In that sense, Foco is a fragment of an unfinished conversation about what we deem worthy and how we choose to live together.

## CLAUDIA ROCHA

Claudia Rocha (Porto, 1984) é uma fotógrafa especializada em fotografia de interiores e retrato, trabalhando entre Portugal e o Reino Unido. Com formação em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP) e mestrado em Cinematografia pela Goldsmiths, University of London, o seu trabalho encontra-se profundamente enraizado na narrativa visual e nas técnicas de *storytelling*, através das quais conta histórias de pessoas e explora espaços singulares. O seu trabalho tem sido destacado em publicações no Reino Unido, EUA e Portugal.

### Exposições individuais

2026. *Foco – Ecos da Vida Moderna*, na Fundação de Serralves, Porto

2023. *Monozygotic: Same but Different*, no Museu de História Natural e Ciência, Porto

2021. *In the Eyes of Queens and Kings*, na Sede, Porto

### Publicações em livros

*Portrait of Britain* Vol 2, Hoxton Press, 2019

*City Quitters* de Karen Rosenkranz

*Modern Living: The New Country House* de Claire Bingham

## CLAUDIA ROCHA

Claudia Rocha (Porto, 1984) is a photographer specialising in interior and portrait photography, working between the United Kingdom and Portugal. With a background in architecture from the Faculty of Architecture of the University of Porto (FAUP) and a Master's degree in Cinematography from Goldsmiths, University of London, her work explores the theme of identity, drawing on narrative and storytelling techniques to tell stories of people and explore unique spaces. Her work has been featured in publications in the United Kingdom, the United States and Portugal.

### Solo Exhibitions

2026. *Foco - Echoes of Modern Life*, at Serralves Foundation, Porto

2023. *Monozygotic: Same but Different*, at the Natural History and Science Museum, Porto

2021. *In the Eyes of Queens and Kings*, at Sede, Porto

### Book Publications

*Portrait of Britain* Vol 2, Hoxton Press 2019

*City Quitters* by Karen Rosenkranz

*Modern Living: The New Country House* by Claire Bingham



Clube Residencial da Boavista, 2025

## VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required.  
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: [ser.educativo@serralves.pt](mailto:ser.educativo@serralves.pt)

Tel. (linha direta direct line): 226 156 546

Tel: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

## LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

[loja.online@serralves.pt](mailto:loja.online@serralves.pt)

[www.loja.serralves.pt](http://www.loja.serralves.pt)

## LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

## BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

## RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

[restaurante.serralves@ibersol.pt](mailto:restaurante.serralves@ibersol.pt)

## CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

## INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

[www.serralves.pt/visitar-serralves](http://www.serralves.pt/visitar-serralves)

### Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto — Portugal

[serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt)

Linha geral General lines:  
(+351) 808 200 543  
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.  
Calls to the national landline network.

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

 [/fundacao\\_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio Institucional  
Institutional Support



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO